

# A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO JORNAL “O POPULAR”

## THE ECOLOGY OF COMMUNICATIVE INTERACTION IN THE NEWSPAPER “O POPULAR”

Lutiana Casaroli\*, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto\*\*

### RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a Ecologia da Interação Comunicativa no Jornal impresso “O Popular”. A fundamentação teórica que sustenta a proposta é a Ecolinguística ou Linguística Ecosistêmica trabalhada por Couto (2007, 2015, 2016) e Nenoki do Couto (2012, 2016). Para tanto, adota-se o paradigma ecológico, a ecologia profunda e a visão ecológica de mundo como fontes teóricas inspiradoras. A metodologia da Linguística Ecosistêmica é múltipla, mas aqui adotaremos a análise e descrição dos dados aplicados a seis categorias de análise que são os elementos da ecologia da interação comunicativa: cenário, falante (F) e ouvinte (O), assunto, regras interacionais, regras sistêmicas e comunhão. O *corpus* de análise é composto por uma publicação do jornal “O Popular”, do dia 04 de abril de 2016, que tem por assunto ou conteúdo a própria mídia jornalística. A partir de uma análise descritiva da Ecologia da Interação Comunicativa do jornal impresso “O Popular”, pode-se concluir que, apesar de a interação não ser prototípica, ser do tipo quase mediada, pode-se notar que o cerne da linguagem é mantido, de modo particular, mas dando garantias para que os atos de interação comunicativa se mantenham no tempo e no espaço em nome da sobrevivência.

**Palavras-chave:** Ecolinguística. Ecologia da Interação Comunicativa. Ecosistema linguístico.

### ABSTRACT

*The general objective of this research is to analyze the Ecology of Communicative Interaction in the newspaper “O Popular”. The theoretical basis that supports the proposal is Ecolinguistics or Ecosystemic Linguistics worked by Couto (2007, 2015, 2016) and Nenoki do Couto (2012, 2016). Therefore, the ecological paradigm, the deep ecology and the ecological vision of the world are*

\* Doutoranda em Letras e Linguística pelo PPGL da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista Fapeg.

\*\* Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), doutora em Língua Portuguesa pela PUC - São Paulo. Bolsista produtividade do CNPq.

*adopted as inspiring theoretical sources. The methodology of Ecosystem Linguistics can be multiple, here we will adopt the analysis and description of the data applied to six categories of analysis that are the elements of the ecology of the communicative interaction: scenario, speaker (S) and listener (L), subject, systemic and communion. The corpus of analysis is composed of one publication of the newspaper "O Popular", on April 4, 2016, which has as its subject or content the journalistic media itself. From a descriptive analysis of the Ecology of Communicative Interaction of the printed newspaper "O Popular", one can conclude that although the interaction is not prototypical, being of the almost mediated type, it can be noticed that the core of the language is maintained, in a particular way, but giving guarantees so that the acts of communicative interaction are maintained in time and space in the name of survival.*

**Keywords:** *Ecolinguistics. Ecology of Communicative Interaction. Linguistic Ecosystem.*

## INTRODUÇÃO

Esse artigo se inscreve na perspectiva ecológica dos estudos da linguagem ao passo que adota a Ecolinguística, trabalhada por Couto (2007, 2015, 2016) e Nenoki do Couto (2012, 2016), como solo teórico. Suas fontes inspiradoras são o Paradigma Ecológico e a Visão Ecológica de Mundo trabalhados por Capra (1996) e a Ecologia Profunda proposta nas obras do filósofo Arne Naess (1912-2009). Isso implica que o olhar do pesquisador sobre seu objeto seja um olhar ecológico sobre o fenômeno da linguagem analisado, afinal a Ecolinguística propõe um estudo das inter-relações entre língua e meio ambiente.

Nessa perspectiva, adotamos como objetivo geral analisar a Ecologia da Interação Comunicativa do jornal impresso "O Popular" com seus leitores. A metodologia da Linguística Ecológica é multimetodológica, conforme defende Couto e Albuquerque (2015), e aqui adotaremos a análise e descrição dos dados aplicados a seis categorias de análise que são os elementos da ecologia da interação comunicativa: cenário, falante (F) e ouvinte (O), assunto, regras interacionais, regras sistêmicas e comunhão. O *corpus* de análise é composto por uma publicação do jornal "O Popular", do dia 04 de abril de 2016, que tem por assunto ou conteúdo a própria mídia jornalística. É a partir dessa análise que será possível chegar, posteriormente, aos três meios ambientes do ecossistema linguístico: natural, social e mental.

Para tanto, desenvolveremos algumas considerações acerca da Ecolinguística, e de seus princípios teóricos. Em seguida, na tentativa de esclarecermos as categorias teóricas de análise, partiremos para a análise do *corpus* propriamente dito.

## ECOLINGUÍSTICA OU LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA: O ESTUDO DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E MEIO AMBIENTE

A **Ecolinguística** é desenvolvida por pesquisadores que se inscrevem no **paradigma ecológico** que, de acordo com Capra (1996), está enraizado na visão holística e ecológica de mundo. Para ele o paradigma ecológico é aquele modo de compreender o mundo que parte do princípio da interdependência da vida no planeta, para tanto, pressupõe como valores essenciais a integração, o afeto e a cooperação.

Outras fontes teóricas surgiram e passaram a compor o Paradigma Ecológico. Destacamos aqui a **Ecologia Profunda** e a **Visão Ecológica de mundo** que inspiram os estudos Ecolinguísticos. As noções presentes na busca de Haugen configuram-se como o centro de angulação dos estudos brasileiros da Ecolinguística ou Linguística Ecosistêmica, que permeiam os pressupostos teóricos da ecologia profunda, da visão ecológica de mundo e do paradigma ecológico. São estes princípios, portanto, que fundamentam a presente abordagem.

De acordo com Couto, Couto e Borges (2015, p. 81), “quem forneceu a primeira definição da disciplina, mesmo antes do surgimento da palavra, foi Einar Haugen”. Haugen é, assim, considerado o precursor da Ecolinguística com a publicação de 1972 denominada “*language ecology*” e “*ecology of language*”, ou seja, ele propunha o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente, definição esta que passou a ser corrente entre os ecolinguistas.

Conforme Haugen (1972), a **Ecolinguística** é um estudo que compreende as relações entre língua e meio ambiente. Para ele, era fundamental que o linguista fosse capaz de compreender os fenômenos da linguagem para além das respostas encontradas nos elementos constituintes das estruturas e além também das marcas sociais, históricas, culturais permeadas nos discursos, pois para ele “a língua existe somente na mente de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, ao meio ambiente social e natural” (HAUGEN, 1972, p. 325). Emergia assim as raízes da **Ecolinguística**, uma nova sensibilidade teórica que buscava compreender a língua como um organismo vivo que interage em determinado meio ambiente.

Edward Sapir foi o primeiro a relacionar língua e meio ambiente em seu trabalho “Língua e ambiente”,<sup>1</sup> em 1911 numa conferência publicada no ano posterior. Apesar de não abordar a atual perspectiva Ecolinguística, afinal, nessa época nem existia o paradigma ecológico, ele é considerado precursor nos estudos que abarcam a visão ecológica da linguagem.

Já na década de 1990, os trabalhos desenvolvidos por Alwin Fill (1996)<sup>2</sup> e Makkai (1993)<sup>3</sup> marcam seu auge, delimitando efetivamente o início da Ecolinguística como disciplina acadêmica, sendo seguidos por diversas outras propostas teórico-metodológicas.

Dentre os diversos **modelos** e **propostas** teóricas que se desenvolvem sob o nome de **Ecolinguística**, destacamos aqui a chamada **Linguística Ecosistêmica** que vem sendo desenvolvida especialmente pela Escola Ecolinguística de Brasília (UnB), liderada por Hildo Honório do Couto em conjunto com as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário – NELIM, coordenado pela professora Elza Kioko Nenoki do Couto, no âmbito da UFG.

Portanto, a Ecolinguística ou Linguística Ecosistêmica é uma nova maneira de se praticar linguística, que procura compreender os fenômenos da linguagem como algo dinâmico, aberto, interdependente, em forma de rede, conforme os princípios do paradigma ecológico. “Interação” é seu conceito central, juntamente com “ecossistema”, assim como faz a Ecologia. De acordo com Couto (2016) a Ecolinguística estuda as inter-relações entre língua, povo e território nos meios ambientes natural, social e mental.

Assim como o biólogo parte do ecossistema biológico para praticar seus estudos, o ecolinguista parte do ecossistema linguístico. No ecossistema biológico há uma população (P) composta por organismos vivos, um território (T) ou *habitat* em que vivem e as interações (I) que ali acontecem.

<sup>1</sup> Este artigo encontra-se publicado em português, com tradução de Joaquim Matoso Câmara Jr, no Livro “O paradigma ecológico para as ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos, 2016. Organizadores: Couto, Nenoki do Couto, Araújo e Albuquerque.

<sup>2</sup> Livro intitulado: “*Ökolinquistik: eine Einführung*”. Tradução nossa: “Ecolinguística: uma introdução”.

<sup>3</sup> Livro intitulado: “*Ecolinguistics: Toward a new ‘paradigm’ for the Science of language?*”.

tecem. No ecossistema linguístico também há essa mesma realidade, ou seja, um povo (P), o território que habita (T) e as interações, mas essas interações, para a Ecolinguística, são a própria língua. Daí a definição trazida por Couto, Couto e Borges (2015, p. 88) de que **língua é interação** (L=I).

**Linguística Ecossistema** é assim pensada por Couto, Couto e Borges (2015, p. 81):

como ecologicamente língua é interação, a maneira mais adequada de defini-la é dizendo que se trata das interações verbais que se dão no seio do ecossistema linguístico. Só que o ecossistema linguístico é triplo, compreendendo o natural, o mental e o social, fora o integral, que engloba os três.

Sob a ótica da Ecolinguística praticada no Brasil, o conceito de **ecossistema** é central, assim como para a Ciência Ecológica. O sustentáculo do conceito de ecossistema é o conceito de **interação**, foco dessa proposta.

O ecossistema linguístico é composto por um conjunto de indivíduos chamado de povo (P), o lugar ou território em que vivem e convivem (T), assim com o modo tradicional de interagir, quer dizer, sua linguagem, língua (L). A união dos três ecossistemas (natural, mental e social) converge no **ecossistema integral da língua** ou **ecossistema fundacional da língua**, pois compreende-se que esse é um modo holístico de olhar para os fenômenos da linguagem levando-se em conta a perspectiva do todo.

No ecossistema integral da língua, tem-se a linguagem tomada de modo genérico. Para Couto, Couto e Borges (2015, p. 96) a língua poderia ser representada por um C de cultura “uma vez que essa linguagem compreende toda a cultura da comunidade em questão”. Isso é possível porque, segundo a perspectiva desses autores, a língua é parte da cultura, e a cultura é a linguagem total de certa comunidade. Essa linguagem total (L=C) poderia ser formada por diversas linguagens<sup>4</sup> (L1, L2, L3...), que encerram certo valor social, simbólico, semiótico. A língua é a principal dessas linguagens. As regras interacionais, componentes dos atos de interação comunicativa, por exemplo, seriam outra. No caso analisado, o jornal “O Popular”, poderíamos dizer que outra linguagem possível que se acopla à ecologia da interação comunicativa seria a linguagem não verbal que implicaria questões de diagramação e de composição imagética.

A linguagem não verbal diz respeito a toda forma de comunicação que acontece para além das palavras, mas que desempenha diversas funções no auxílio do ser humano a se comunicar. Os estudos da comunicação não verbal se subdividem em: cinésicos, proxêmicos e paralinguagem.

O termo paralinguagem é um conceito dos estudos da linguagem que se aplica às modalidades orais, ou seja, aos efeitos da voz em relação às suas modificações enquanto altura, intensidade, ritmo etc. Tais informações são capazes de oferecer dados acerca do estado afetivo do falante. Dentre os dados também são levados em consideração bocejo, tosse, riso etc.

Entendemos por paralinguagem qualquer som produzido pelo aparelho fonador e usado no processo comunicatório, sem fazer parte do sistema sonoro da língua que está sendo usada, bem como as modificações dos sons que dela fazem parte. O estudo da paralinguagem, embora não com este nome, data de antes de Cristo. Contudo, o primeiro estudo sistemático no mundo ocidental parece ter sido o de Grimm, em 1819. Saussure, na virada do século XX, também se interessou pelo assunto (STEINBERG, 1988, p. 5).

<sup>4</sup> No livro *A estrutura ausente*, Umberto Eco apresenta os principais códigos ou linguagens que formam a cultura de um povo, sendo a língua uma delas. Nenoki do Couto publicou em 2012 o livro *Ecolinguística e Imaginário* que se dedica ao estudo das imagens mentais que nos leva à compreensão do ecossistema mental da língua.

Na perspectiva Ecolinguística, vamos trabalhar com os fatores não verbais, especialmente os elementos paralinguísticos na escrita, ao passo que são tomados como relevantes no contexto da interação comunicativa, uma vez que se configuram como fatores condicionantes da interação, sobretudo na interação não prototípica.

Portanto, no caso do jornal impresso, teríamos uma variação dos elementos paralinguísticos, pois não seriam da ordem da oralidade, mas sim da escrita. Emerge como proposição desse trabalho a noção de **paralinguagem na escrita**, como uma forma de adaptação da interação à modalidade da escrita: na interação comunicativa do jornal com seus leitores, como veremos melhor na análise.

A LE leva em conta a interdependência das partes como expressão do todo. Portanto, a Ecolinguística brasileira pesquisa a **interação** que se dá no ecossistema linguístico a partir de uma visão ecológica de mundo, ancorado na perspectiva da ecologia profunda. Nesse sentido, a língua é compreendida como a própria interação comunicativa. Essa **interação comunicativa** não é apenas a soma total dos meios ambientes (natural, mental e social). Ela é, isto sim, uma rede de inter-relações que ocorrem nesses meios ambientes, de natureza tríplice. Mas, é preciso primeiramente compreender a **ecologia da interação comunicativa**, objeto desse estudo.

## A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

Para a linguística ecossistêmica, a **interação comunicativa** é a própria língua, dinamizada por atos de interação comunicativa (AIC). Tais atos de interação comunicativa constituem o que Couto (2016) denominou de **Ecologia da Interação Comunicativa (EIC)**.

Portanto, partindo-se desse princípio de que língua é interação, destacamos aqui que as **interações** que ocorrem dentro do ecossistema, seja biológico ou linguístico, podem ser de dois **tipos**. Quando temos a interação dos organismos vivos ou membros da população (P) com o seu território (T), o mundo, temos a interação do tipo organismo-mundo. Couto, Couto e Borges (2015, p. 89) dizem que esse tipo particular de interação é denominado de **significação** (ou referência, denominação, entre outros). Já quando temos a interação entre os membros da população (P), ou seja, interação entre indivíduo-indivíduo, esta interação é denominada de **comunicação**. A interação comunicativa é aquela que ocorre entre indivíduo-indivíduo. Porém, quando tais indivíduos comunicam algo sobre o mundo, o segundo tipo de interação (significação) passa a fazer parte da comunicação.

A língua nasce, vive, sobrevive e morre nos atos de interação comunicativa. Ela estará viva enquanto houver pelo menos dois falantes que a utilizem em atos concretos: “como de uma flor desabrochando, a língua nasce nos atos de interação comunicativa (AIC) em suas respectivas ecologias da interação comunicativa, tanto ontogenética, quanto filogeneticamente” (COUTO, 2016, p. 233). São tais atos de interação comunicativa que fundam a ecologia da interação comunicativa que, por sua vez, é o cerne da linguagem.

A Ecologia da interação comunicativa (EIC) é composta por seis elementos, de acordo com Couto (2016), a saber: cenário, falante e ouvinte, regras interacionais e regras sistêmicas, circunstâncias (assunto) e comunhão. Além dos componentes linguísticos, também há componentes paralinguísticos e os extralinguísticos (proxêmicos, cinésicos etc). “A interação comunicativa propriamente dita constitui o diálogo, que é o fluxo interlocucional” (COUTO, 2016, p. 234). Essa é a arquitetura da Ecologia da Interação Comunicativa que, a partir de seu desvelamento, viabilizará o estudo do jornal impresso “O Popular” aqui proposto.

O diálogo se configura como uma alternância entre falante (F) e ouvinte (O), sem se saber quando vai terminar, nem quem irá encerrar a interação, mas tudo isso está sancionado por regras reconhecidas socialmente.

Em qualquer EIC são essenciais as regras interacionais que são regras no sentido de regularidades, de regras-hábito, por terem natureza cooperativa e contarem com a cooperação consensual. Couto (2016, p. 235) apresenta as 15 regras interacionais detectadas até o momento:

1. Falante (F) e Ouvinte (O) ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
2. F e O ficam de frente um para o outro.
3. F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
4. F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
5. a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
6. tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
7. a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (por favor, oi etc.).
8. a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
9. se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
10. F e O devem manter-se atentos, "ligados" durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
11. durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda "estão na linha".
12. em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
13. adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que o O entenderá e O entenderá o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.
14. o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (tá bom, tá, é isso etc.).
15. Regras sistêmicas (inclui toda a gramática).

Couto (2016) destaca ainda que as regras sistêmicas são apenas parte das regras interacionais, pois elas existem para a eficácia da interação comunicativa. Para a Linguística Ecológica, todas as regras podem ser violadas, inclusive as regras sistêmicas, para que haja o entendimento mútuo. Raramente, por sua vez, as regras interacionais serão violadas sem que haja sanção social.

A partir do quadro epistemológico da Ecolinguística, portanto, temos que língua é interação. Como vimos, a interação verbal, o diálogo, seria a interação prototípica que acontece entre no mínimo dois indivíduos, que ocupam o mesmo lugar no espaço, ao mesmo tempo, e desenvolvem um diálogo (fluxo interlocucional). Para Thompson (2011), essa interação é denominada face-a-face e se caracteriza por acontecer com um índice de co-presença porque os interlocutores partilham um mesmo sistema referencial espaço-temporal. Esse autor ressalta que nesse tipo de interação os interlocutores lançam mão de uma série de deixas simbólicas tanto para emitir mensagens, quanto para interpretá-las, tais como gestos, sorrisos, piscadas etc. Para a Ecolinguística, tais elementos se denominam paralinguísticos e os extralinguísticos (proxêmicos, cinésicos, etc.) (COUTO, 2016 p. 233).

Thompson (2011) também distinguiu dois outros tipos de interação que nos interessam nesse artigo: a **interação mediada** e a **interação quase mediada**. A interação mediada diz respeito àquela interação em que os interlocutores podem estar em contextos espaciais e temporais distintos. “Ela implica o uso de um meio técnico que possibilita a transmissão de informações e conteúdos simbólicos para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos” (THOMPSON, 2011, p. 121). Essa interação pode ser observada especialmente mediante o uso de computadores e dispositivos conectados à internet.

Por sua vez, a interação quase mediada, diz respeito ao conjunto de interações possibilitadas pelos meios de comunicação social de massa, tais como o livro, o rádio, a televisão e o jornal impresso, objeto desse estudo. Esse tipo de interação, conforme Thompson (2011), tem por característica básica a intensa disponibilização e disseminação de conteúdo simbólico no espaço e no tempo. A interação quase mediada se difere das demais nos seguintes termos: “as deixas simbólicas são dirigidas para um número indefinido de receptores” (THOMPSON, 2011, p. 126), além do mais, ela é quase sempre monológica, cujo fluxo de informações tem um sentido único.

Desse modo, adotaremos nesse trabalho o termo **interação quase mediada**, no sentido de que é um tipo de interação comunicativa não prototípica, derivada da dialógica propriamente dita.

## ANÁLISE DO JORNAL IMPRESSO “O POPULAR” A PARTIR DA ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

A mídia jornalística, portanto, passa a ser compreendida como um lugar de sociabilidade. Pelo fato de ela possibilitar novas dinâmicas interacionais, a partir da interação prototípica, ela interfere, sobremaneira, na Ecologia da Interação comunicativa. Desse modo, desejamos apontar as configurações da EIC do jornal impresso “O Popular”.

Com o intuito de elucidarmos tais questões teóricas e, sobretudo, tecermos argumentos em torno do porquê de estarmos aqui compreendendo a ecologia da interação comunicativa em um jornal impresso, trabalhamos com um exemplo, extraído da publicação de 4 de abril de 2016.

Ao realizarmos o **zoom** é possível ver que no jornal impresso “O Popular” há todos os seis elementos constitutivos da EIC apontados por Couto (2016): cenário, falante e ouvinte, circunstâncias (assunto), regras interacionais e regras sistêmicas, e comunhão.

A fim de analisarmos a questão do **cenário** na Ecologia da Interação Comunicativa do

Figura 1: Matéria publicada no Jornal “O Popular” em 04 de abril de 2016



Fonte: arquivo pessoal.

jornal impresso “O Popular”, concebemos a definição de Couto (2013) no texto “A ecologia da interação comunicativa II”, texto publicado no blog “Meio Ambiente e Linguagem”,<sup>5</sup> para quem o cenário da EIC pode ser variável, dependendo de cada caso:

O **cenário** da EIC varia em cada caso. Ele compreende o lugar (uma parte de T) e tudo ao redor, imediata e mediatamente. Essa parte do que se chama de meio ambiente natural, na verdade pode ter componentes artificiais, ou seja, o **ambiente construído**, como uma cidade, por exemplo. Aliás, não é só a parte física que pode entrar em ação na EIC, mas também ingredientes do meio ambiente mental e do social. Tudo de que F e O podem lançar mão eficazmente na interlocução é parte do cenário.

O cenário, assim, compreende o **lugar**, que é uma parte do território, ou melhor, poderíamos dizer que é a menor parte do espaço e do território, correspondendo ao **meio ambiente natural**, em uma instância microcós mica. Lugar esse que se configura como um espaço de sociabilidade, por marcar uma relação entre sujeitos que constituem uma comunidade.

Esse **cenário, lugar** no qual a comunidade interage por meio de atos de interação comunicativa pode ter duas facetas: o ambiente natural e o ambiente construído (artificial). No caso do jornal “O Popular”, o cenário (ambiente natural) propriamente dito em que se dá a interação comunicativa é variável, pois pode ser em uma casa, na rua, em um escritório, na praça. Já o cenário (ambiente artificial) corresponde ao próprio suporte, ou seja, o jornal impresso em papel que se toma nas mãos no ato da leitura, no encontro entre interlocutores.

Esse cenário que tem dupla face pode ser entendido como uma “dimensão” do espaço, como veremos, sendo que os interlocutores podem utilizá-lo como uma extensão do seu corpo,<sup>6</sup> das mais diversas formas. Tal interação comunicativa ou comunicação, nas palavras de Peruzzolo (2006, p. 30) “é uma relação específica que se efetua por um meio material que se torna base dos investimentos pessoais nessa relação”.

Além disso, surgem duas outras categorias transversais que interessam na análise da EIC do jornal impresso “O Popular”: **espaço e território**.<sup>7</sup> Para melhor se compreender a questão do lugar, espaço e território aqui proposta, partiremos do princípio de que a condição humana do homem (mortal) o leva a se aproximar da alteridade com o intuito de construir algo coletivo, para possibilitar a vida em comunidade e ter garantias de sobrevivência. Para isso, lança mão de uma série de estratégias para encontrar o outro e com ele estabelecer uma interação comunicativa. Afinal, é em relação com o outro e com o mundo que o ser humano sobrevive. Esta visão de mundo traz para si a noção de que a vivência do homem no mundo eleva o **espaço e a linguagem** como condição vital de existência e realização.

Com o passar dos anos e com o aprimoramento da língua e das linguagens, o ser humano desenvolveu uma diversidade de mídias, todas elas aqui compreendidas como Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), a serviço da expansão das possibilidades de contato e de in-

<sup>5</sup> Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/08/a-ecologia-da-interacao-comunicativa-ii.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>6</sup> Essa noção de que as técnicas e tecnologias são extensões do homem se encontra no livro “Os meios de comunicação como extensões do homem” de Marshall McLuhan.

<sup>7</sup> Noções extraídas da vivência com o grupo de Grupo de Pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência” – “Dona Alzira” (IESA/UFG), entre 2014 e 2016. Mais informações sobre essa perspectiva podem ser encontradas no artigo de minha autoria “As mutações socio-espaciais provenientes da inserção das tecnologias de informação e comunicação no espaço urbano e rural das cidades digitais” publicados nos anais do Intercom no ano de 2014.



teração comunicativa. Seja com os desenhos rupestres, com a tipografia, a imprensa, o rádio, a televisão e, mais recentemente, com computadores conectados à internet, todas essas tecnologias surgem com o intuito de conectar os sujeitos no espaço (PERUZOLLO, 2006).

Muitos estudos abordam a noção de **espaço** e de mutações espaciais. Aqui, levamos em consideração duas correntes teóricas que se dedicam a esta questão, a saber: "A natureza do espaço" trabalhada por Milton Santos (2004) e "A condição urbana" defendida por Gomes (2002).

Gomes (2002, p. 290), numa tentativa de adotar uma noção de espaço que considere ao mesmo tempo a forma (dimensão material) e o conteúdo (dimensão simbólica, social), afirma que "a análise espacial deve ser concebida como um diálogo permanente entre a morfologia e as práticas sociais ou comportamentais". Neste mesmo sentido, Santos (2004, p. 18) acresce que a análise deve pressupor que "o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações". Em suma, o desdobramento deste pensamento exige-nos que a compreensão acerca da sociedade e da linguagem não pode ser dissociada da natureza e de sua condição relacional, noção esta que muito se aproxima dos preceitos ecolinguísticos, que pressupõem que o ecossistema compreende três meios ambientes: o natural, o social e o mental. A correspondência assim ficaria: o meio ambiente social e mental da língua corresponderia à dimensão "conteúdo" do espaço, enquanto o meio ambiente natural corresponderia à dimensão espacial "forma", o espaço em si.

No caso específico do jornal "O Popular", temos por espaço tanto as regiões de sua abrangência (Goiás e Tocantins) quanto o **meio ambiente social da língua** que abarcaria, tendo a sociedade como o *locus* da interação. Nesse caso, pode-se discutir desde a questão da alfabetização e do letramento, que marcaram a interação linguística mediada pelo jornal impresso, quanto a valorização social que ocorre em relação àquele que tem acesso ao jornal impresso, dados facilmente localizáveis na literatura que abarca a história da imprensa. Ao meio ambiente mental da língua, nesse caso, caberia estudar as questões do trajeto antropológico do imaginário, na esteira da proposta de Couto (2012), em busca das motivações simbólicas que pulsionam o aparecimento das imagens mentais.

Contudo, essa não é uma tarefa fácil, afinal, são anos de história e compreensão a partir de uma visão, nas palavras de Soja (1993, p. 100), "fiscalista" de espaço, assim como a Ecolinguística encontra suas dificuldades diante da tradição dos estudos estruturalistas da linguagem. É preciso estender nosso olhar para que se possa traçar um entendimento amplo capaz de abarcar a noção de que, apesar do "espaço em si" (meio ambiente natural) ser dado, sua organização social é consequência das vivências sociais, assim como de seus mecanismos e manifestações mentais (meio ambiente social e mental). Do mesmo modo acontece com a língua: apesar de ela ter sua parte estrutural, aqui compreendidas como regras sistêmicas, essa é apenas uma parte do todo, pois língua é sobretudo interação, é relação entre sujeitos, é encontro, como defende a Ecolinguística.

Em se tratando de **território**, adotamos aqui a concepção segundo a qual o poder aparece como aspecto centralizador: "o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce determinado poder" (HAESBAERT, 2007 apud SPOSITO, 2004, p. 18). Souza (2001) salienta que o território é um espaço delimitado pelas relações de poder e destaca que além do Estado Nação, a atuação de grupos sociais, ao estabelecerem relações de poder, formam territórios. Desse modo, o território abarca a questão do espaço e do lugar, mas saliente-se que nele há implicações de relação de poder. No jornal "O Popular", a análise do território implicaria ir além das questões fiscalistas para se discutir a rede de poder e influência exercida por essa mídia, que faz parte do maior grupo de veículos de comunicação do Centro-Oeste, líder em audiência no

Estado de Goiás e Tocantins, a empresa Jaime Câmara,<sup>8</sup> que compreende uma rede de rádio, televisão, jornal, revista, além de seus suportes digitais.

Essa rede de mídias provoca um complexo interativo. Castells (2008) destaca que esta nova dimensão da estrutura social composta por redes configura uma estrutura invisível da sociedade que pode assim ser denominada de “**sociedade em rede**”. A rede se caracteriza como um complemento à realidade e, atualmente, constitui o espaço e o território aproximando-se da expressão de Haesbaert (2007) “território-rede” que preserva a relevância dos fluxos imateriais nos territórios e revela a realidade das cidades contemporâneas circunstanciadas pelas redes de comunicação. Tais redes, complexificadas pela ambiência digital, podem também apontar para o que a Ecolinguística chama de meio ambiente cultural, que, em se tratando de um jornal, poderíamos aqui apontar para a questão da cultura de massa.<sup>9</sup>

Tais considerações, portanto, nos permitem pensar acerca das mutações nas interações comunicativas que se dão no meio ambiente, sobretudo aquelas provocadas pela inserção de TICs. Portanto, em se tratando do jornal “O Popular”, podemos considerar que há dois cenários na ECI: enquanto a casa, a rua, a praça se configuram como possíveis lugares onde a organização se encontra com seus interlocutores, o próprio suporte de papel, o jornal em si também pode ser definido como um lugar artificial em que a interação comunicativa acontece, constituindo uma ecologia da comunicação comunicativa específica, não prototípica, interação quase mediada, na concepção de Thompson (2011).

A interação comunicativa é um diálogo, como vimos, que se dá na presença dos interlocutores. A interação comunicativa aqui analisada é derivada dessa interação comunicativa prototípica, por isso, a denominamos não prototípica. Sua principal característica que marca sua diferença é que ela não se dá com a presença espaço-temporal dos interlocutores, sendo mediada por um meio material, no caso, o papel. Contudo, podemos identificar que a base continua sendo a mesma, ou seja, é preciso que haja um **falante (F) e no mínimo um ouvinte (O)**.

No caso analisado, o **falante** se trata da organização midiática “O Popular” e o **ouvinte** seria seu leitor. Destacamos aqui que, no universo de uma organização midiática, tanto o falante quanto o ouvinte são múltiplos. Apesar de ecoar como uma voz única, sabe-se que o jornal impresso é constituído de diversas vozes: editor chefe, redator, jornalistas, administradores, publicitários, relações públicas, fotógrafos, designers que compõem o complexo “falante”. Já o ouvinte seria composto por todos aqueles que leem o jornal, sejam eles assinantes, leitores que compram o jornal em uma banca, anunciantes que desejam acompanhar suas publicações, concorrentes que monitoram o mercado da notícia, entre outros. Os motivos que os ligam são diversos. Desse modo, vamos adotar aqui os termos falante (F) e ouvinte (O), correspondendo respectivamente à organização midiática jornal e ao leitor, adotados na forma singular, mas levando-se em consideração que são interlocutores complexos por serem plurais.

De acordo com Couto, Couto e Borges (2015, p. 110) o início de uma interlocução organismo-organismo se dá por meio de uma **solicitação** que o falante faz ao ouvinte. Em geral, esse interlocutor ao ocupar o papel de ouvinte precisa dar uma satisfação ou atendimento a essa solicitação, tornando-se falante. Verificamos que no caso do jornal “O Popular” a alternância de papéis entre

<sup>8</sup> Dados disponíveis em: <https://www.gjccorp.com.br/#/servicos/jornal>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>9</sup> O termo cultura de massa é proveniente dos estudos da Indústria Cultural que tiveram início com Theodor Adorno e Max Horkheimer, fundadores da Escola de Frankfurt. Para eles, a cultura de massa representa todos aqueles elementos simbólicos comercializados em larga escala pelos veículos de comunicação de massa (rádio, TV, jornais) que de certo modo controlariam e ditariam os padrões de consumo de modo a provocar a alienação social. É importante destacar que o jornal impresso, por se tratar de um meio escrito, envolve a questão de conhecimento, logo, de poder.

falantes e ouvinte, por se tratar de uma **interação quase mediada**, na qual há um distanciamento espaço-temporal dos interlocutores, acontece de modo diverso. Nesse caso, o fluxo interlocucional pode ser notado quando a resposta do ouvinte é forjada, especialmente por meio de uma estratégia de diagramação, como a troca de coluna. Essa alternância fica subentendida, mesmo que não haja necessariamente a alternância de turnos entre F e O. Vejamos como o fluxo interlocucional se organiza no exemplo extraído do jornal "O Popular".

O falante inicial é o jornal "O Popular" que inicia o diálogo por meio do texto jornalístico intitulado "Novo projeto do POPULAR agrada leitor". De acordo com Couto e Borges (2015, p. 119), "todo enunciado afirmativo é resposta a alguma pergunta, mesmo que tácita", neste caso, esse enunciado já seria uma resposta a uma pergunta anterior feita pelo leitor. Logo abaixo, em uma coluna separada do primeiro texto por um traço horizontal, vem a solicitação propriamente dita, que é realizada por meio de uma pergunta: "O que você achou do novo O Popular?". Na escrita, a interrogação direta é assinalada pelo ponto de interrogação, que é uma marca linguística que revela o início de uma fala, assim como a solicitação do interlocutor acerca das variáveis apresentadas. De acordo com Couto, Couto e Borges (2015, p. 110) "a solicitação mais comum é a pergunta, expressa mediante uma oração interrogativa".

Na sequência dessa pergunta temos um texto explicativo que diz: "Leitores de O POPULAR deram sua opinião sobre a primeira experiência com o jornal sob novo formato e inovações nos projetos editorial e gráfico. As reações comprovam a credibilidade do jornal perante o público". A essa solicitação aparecem três asserções representadas por trechos das opiniões dos leitores, que vem representados por uma fotografia e seus dados referenciais: nome completo, idade e ocupação. Couto, Couto e Borges (2015, p. 110) afirmam que "a atendimento mais comum é a informação, mais geralmente chamada de afirmação ou asserção, expressa por uma oração afirmativa".

Destacamos aqui o fato de essa coluna se denominar "Eu penso": veja que esse "eu" não se refere ao falante jornal, mas sim ao falante ouvinte que, assim, ocupa o seu turno de fala, dando continuidade ao fluxo interlocucional. No canto superior direito, dando sequência à leitura, encontramos o jornal novamente ocupando seu turno, com uma nova alternância de espaço que funciona como espécie de legenda da fotografia, com a declaração: "Novo padrão: os goianienses puderam ter acesso ao novo jornal ontem de manhã em diversos pontos da capital. Na foto, apresentação é feita na Feira do Cerrado". Como marca da passagem do papel de ouvinte para falante realizada pelo leitor, temos a última coluna, que ocupa a lateral direita e vem destacada em amarelo, com a imagem da rede social "Instagram" como título e, logo em seguida, trechos de opiniões de leitores publicados nessa rede social do jornal. E assim se encerra o fluxo interlocucional com a seguinte afirmação elogiosa do leitor: "@marcosabraor Gostei muito da nova roupagem de @jornal\_popular. Parabéns para todos". Nota-se que não há um encerramento prototípico, como as despedidas citadas por Couto (2016), mas há o encerramento do fluxo interlocucional com o turno do leitor marcado pelo uso do ponto final, no canto inferior direito que sinaliza o término do espaço possível de escrita no papel.

Pode-se concluir que apesar de a interação comunicativa não seguir o modelo prototípico, mantém o cerne da linguagem que é a interação, conforme a perspectiva Ecolinguística da linguagem.

O terceiro componente da Ecologia da Interação Comunicativa diz respeito ao circunstante ou **assunto**. Nesse caso específico nota-se que o jornal "O Popular" adota como conteúdo da matéria jornalística o seu próprio fazer jornalístico, ou seja, ele fala de si, acerca de seu novo projeto editorial. Em meio aos diversos gêneros discursivos do jornal impresso, localizado entre tradicionais matérias, reportagens, notas e publicidades, gêneros típicos do suporte jornal impresso, encontramos o seguinte enunciado: "Novo projeto do Popular agrada leitor". E continua:

“Praticidade do formato berliner, apresentação dinâmica e conteúdo das reportagens, além da inclusão de novos colunistas e cronistas foram bem recebidos”. Tais dados dizem respeito a um modo particular de ser e de fazer jornalismo impresso: enunciados acerca das rotinas e do processo produtivo do jornalismo roubam a cena como assunto, na tentativa de estabelecer uma interação comunicativa com seus públicos.

A partir desse **assunto** colocado em pauta é possível traçarmos alguns elementos acerca do meio ambiente social desse ecossistema linguístico: trata-se de um jornal impresso, de grande circulação em Goiânia e no Estado de Goiás, vinculado à Organização Jaime Câmara que, por sua vez, pertence à Rede Globo de Telecomunicações, interessado em capturar a atenção de seus públicos, conquistar anunciantes, assinantes e leitores, fidelizar o público interno composto por seus profissionais, de modo que tudo isso os leve a conquistar o objetivo maior que é o de vender jornais. Por isso, ampliou o leque de conteúdos temáticos possíveis autorizando enunciados que falem de si, de modo a transformar a si mesmo em notícia.

Do mesmo modo, por outro lado, encontra-se a curiosidade e o interesse por parte dos interlocutores dessa mensagem em tomar conhecimento acerca desse assunto. Talvez, em tempos de redes sociais, espetacularização da vida privada, intimidade à mostra e a toda prova, o falar de si tem tido certo valor social para aqueles que desejam saber sobre os bastidores e o mundo secreto das mídias. Esse é o meio ambiente social em que os interlocutores estão imersos nessa interação comunicativa.

Destaca-se aqui o fato de o falante (F) subverter a estabilidade tradicional do gênero discursivo primeiro,<sup>10</sup> no caso, a reportagem, quando muda o foco da temática: em vez de falar do mundo externo, decide falar de si. Em linhas gerais, a noção de gênero de discurso que adotamos aqui é aquela trabalhada por Bakhtin e pelo círculo, que se refere ao tema, ou seja, parte do princípio de que todas as esferas da atividade humana estejam diretamente relacionadas ao uso da língua. Segundo Brait e Melo (2005, p. 69) é nos textos reunidos em *Estética da criação verbal* que a questão do enunciado, enunciado concreto e enunciação é retomada para desenvolver o conceito de gêneros do discurso. Ali, Bakhtin, ao conceituar o gênero como tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana, está considerando tanto a mobilidade, quanto a multiplicidade dos gêneros. Logo, tema, estilo e estrutura composicional compõem os elementos constitutivos do gênero do discurso. Enquanto o conteúdo temático engloba o conjunto de temas que determinado gênero aborda, a estrutura composicional corresponde à estrutura interna do enunciado. O estilo, por sua vez, é o conjunto de procedimentos de acabamento de um enunciado (BAKHTIN, 2003).

Por essa mesma possibilidade semântica da mudança temática, ou assunto, a empresa vê uma sobrevida desse veículo que precisou se adaptar e evoluir para sobreviver nos dias de hoje. Já a concorrência é capaz de sentir medo de perder seu espaço no mercado para esse novo jornal. Por sua vez, os anunciantes podem ver uma possibilidade de alavancarem seus negócios diante de tanto sucesso. E, por fim, o leitor olha e vê um novo formato, mais ágil e fácil, que vai torná-lo novo, atualizado, evoluído.

As regras interacionais constituem o quarto elemento da Ecologia da Interação Comunicativa que, conforme Couto (2016, p. 235) “o essencial em qualquer EIC são as **regras interacionais**,

<sup>10</sup> Essa temática foi amplamente desenvolvida no artigo: CASAROLI, L.; FERNANDES, E. M. F.; NENOKI DO COUTO, Elza K. N. N. do. A autorreferencialidade midiática: gênero do discurso no jornalismo impresso. In: FERNANDES, E. M. F. (org.). *Gêneros do discurso: dialogando com Bakhtin*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

no sentido de regra-regularidades ou regra-hábito, não no de regra-regulamento ou regra-legislação. Trata-se de regras cooperativas, não competitivas”.

Há princípios que a organização midiática “O Popular” precisa respeitar, que são princípios intrínsecos ao fazer jornalístico, tais como a verdade, a imparcialidade, a objetividade e a transparência. Além dos princípios morais, há uma série de leis e regulamentos a que a organização precisa estar atenta, mas, além disso, há regras que se estabelecem de modo mundano entre F e O, entre jornal e leitor, que devemos destacar aqui. A primeira delas é a questão da leitura. Nossa leitura se dá normalmente da primeira página (capa) em direção à última. Essa ordem pode ser alterada, sem prejuízos. Do mesmo modo, no ocidente, desenvolvemos uma **leitura** de cima para baixo e da esquerda para a direita. Precisamos diferenciar os elementos da diagramação: títulos, olhos de matéria, fotografias, legendas, além dos gêneros jornalísticos (matéria, notícia, reportagem, nota, publicidade etc.). O Jornal é subdividido por **editoriais**, tais como política, finanças, negócios, lazer etc. que o leitor escolhe de acordo com seu interesse, interferindo no fluxo da leitura.

Em relação às quinze regras interacionais citadas anteriormente, nota-se que muitas delas se projetam de modos particulares na interação comunicativa não prototípica aqui trabalhada. A relação de proximidade é mantida, pois, além de a empresa desejar estar perto de seus leitores, no ato da leitura, o jornal ficará nas mãos do leitor, em uma distância próxima, de modo a possibilitar o olhar, o enxergar. Do mesmo modo, o jornal ficará de frente para seu interlocutor, mantendo a regra número dois, mesmo que em diferentes proporções: um ficará de frente para o outro. A regra número três apregoa que os interlocutores devem olhar um para o olho do outro. Nota-se que no jornal, há um esforço para que o locutor mantenha o contato visual nas partes mais relevantes do jornal, não à toa, uma delas se denomina “olho da matéria”. Seria um “olho no olho” metafórico, porém uma representação gráfica desse valor.

A questão do tom de voz também pode ser observada, de modo metafórico. Aqui destacam-se os elementos da paralinguagem na escrita. Vejamos: Sabe-se que nos elementos gráficos, o uso da caixa alta pode representar um tom de voz mais alto, pois chamam a atenção do leitor, como se estivesse “gritando”. Ex: “EVOLUÇÃO”, “POPULAR” e “NOVO PRADÃO”. O uso de cores quentes também cumpriria o mesmo papel: a fotografia aparece colorida, a coluna à direita apresenta a coloração amarela. Já a caixa baixa e as cores frias, inclusive o preto e branco poderiam aqui simbolizar o tom de voz mais baixo, mediano, responsável por manter a atenção do interlocutor. Além da caixa alta, o tom de voz mais acentuado, não necessariamente agressivo, também pode ser representado pelos títulos em negrito e com o tamanho da fonte maior do que as demais.

A quinta regra diz respeito ao fluxo interlocucional e defende que a uma solicitação deve haver uma satisfação. Como vimos acima, esse fluxo interlocucional pode ser observado no diálogo travado entre o jornal e seus leitores. A sexta regra diz que esse fluxo deve prezar por um tom cooperativo, harmonioso, solidário. Essas marcas podem ser vistas, por exemplo, nos enxertos em que os leitores são assumidos não só como consumidores, mas sobretudo por sua importância enquanto ser social e cidadão que lê um jornal impresso, e não como mero consumidor. O aspecto comercial – vender jornais impressos, anúncios e espaços publicitários – é deixado à margem em prol da ideia de interação que leva em conta o bem-estar de seus leitores, pautada em valores de generosidade e de busca de uma harmonia na interação: “O jornal que o goiano pediu”, “de forma rápida e prática”. Esse apelo estabelece com o interlocutor uma interação comunicativa que vai numa direção completamente diferente da estabelecida entre vendedor-comprador, dentro da lógica comercial. São as diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário que dão a sensação de que há uma harmonia, uma solidariedade e um tom cooperativo entre interlocutores.

A sétima regra, porém, não aparece claramente nessa interação. Não há necessariamente uma pré-solicitação (oi, por favor) como acontece na interação prototípica face a face. Talvez, o que mais se aproximaria dessa pré-solicitação seria o elemento “capa”, que de certa forma recebe o leitor apresentando-se, dizendo quem é, a que dia se refere, quais são as principais notícias que traz etc.

Quanto à tomada de turno, oitavo elemento, mencionado anteriormente, detectamos que ela acontece com a presença da paralinguagem na escrita: a alternância de espaços no jornal, normalmente vindo pela separação que se confere por meio de colunas, linhas verticais e horizontais, fotografias e legendas. Os demais elementos que compõem as regras interacionais são específicos para o caso da interação prototípica, não podendo ser observado no caso da interação mediada, exceto as regras sistêmicas.

O **conjunto de regras sistêmicas**, ou seja, aquele que compreende todos os elementos linguísticos da EIC “existem para a eficácia da interação comunicativa. Assim, a ordem dos constituintes da frase existe para informar que fez o quê a quem” (COUTO, 2016, p. 236). Além disso, elas são compreendidas ecolinguisticamente como auxiliares no processo de interação. Nota-se que a linguagem jornalística tende a seguir as regras sistêmicas, prezando pelo uso do português estatal, preservando o correto uso dos itens lexicais.

Para além desse aspecto formal, nota-se que a linguagem jornalística adotada nessa publicação, apesar de a forma composicional muito se parecer com a gênero matéria jornalística (caracterizada por conter um título, olho da matéria, fotografia, legenda, fonte noticiosa, colunas, contatos) ancorada em estilo que priorize uma linguagem formal, objetiva, com vistas à imparcialidade, altera o estilo de modo que a linguagem vem coberta pelos efeitos de sentido de subjetividade, principalmente marcados pela presença de adjetivos, advérbios, juízos de valor etc.

Algumas marcas de subjetividade podem se verificar nos trechos que apresentam adjetivos: “apresentação dinâmica”, “novos colunistas”, “novo projeto”, “novo padrão”; advérbios, por exemplo: “bem recebidos”; entonação expressiva metafórica a despeito do significado como em “permitiu que os leitores manuseassem e degustassem o jornal”, juízos de valor: “O jornal que o goiano pediu”, “A edição de ontem nasceu histórica”, “Os leitores receberam com entusiasmo”, “A evolução ocorreu no dia em que completou 78 anos”, “as reações comprovam a credibilidade do jornal perante o público”; uso de diminutivos “cafezinho com o novo”; tempo verbal no pretérito como em “pediu”, “nasceu”, “receberam”, “permitiu”, “saiu”, “puderam” etc. Observa-se, ainda, a intensa valorização do novo, da renovação, justamente por ser um valor social muito forte da sociedade pós-moderna que vivemos.

O menor rigor da linguagem que tende para informalidade pode ser verificado nas expressões metafóricas, como ocorre em “degustassem o jornal”, “roupa nova”, “nova roupagem” etc. Há, também, nas respostas dos leitores, algumas marcas dessa informalidade e o tom elogioso. Por exemplo, o uso do “@” que é uma marca típica do gênero digital e da linguagem praticada na internet, nesse caso, caracterizam os endereços digitais dos leitores que deixam suas opiniões. Também há um trecho que se repete, demarcando certa informalidade e descuido, pois teria sido eliminado se houvesse certa preocupação com a revisão: “o @jornal\_opopular inicia hoje um novo ciclo em sua história”.

Couto e Albuquerque (2015) destaca, em relação às regras interacionais que o mais importante na interação comunicativa é o entendimento, não necessariamente a estrutura profunda subjacente à gramática. Mas, para que haja o entendimento, para que uma interação comunicativa aconteça, não basta que haja entre os interlocutores a partilha das regras interacionais e sistêmicas. É preciso, de acordo com Couto (2016, p. 245) “que elas sejam precedidas de algum tipo de co-

munhão". O autor continua dizendo que talvez a **comunhão** seja sinônimo de comunicação primitiva, primordial. Assim como em sua acepção religiosa que apregoa que comunhão é estar em sintonia de espírito, em harmonia, numa atmosfera de solidariedade. "Comunhão é, portanto, uma predisposição para a comunicação, mesmo que ninguém diga nada" (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p. 113). Comunhão é uma condição necessária para a interação, é uma abertura para que a interação comunicativa aconteça.

Este estar em comunhão, em sintonia, é imprescindível para que os interlocutores se entendam. No caso de uma interação quase mediada, como a estudada, podemos detectar índices de comunhão, em que o falante (F) tenta dar provas de que os interlocutores estão em sintonia, em harmonia. Vejamos.

Quando o enunciado autorreferencial subverte o contrato implícito sobre os temas que podem circular dentro de um jornal impresso, quer dizer, quando o canal que tem por vocação ofertar notícias do mundo, mas, em vez disso passa a noticiar fatos do próprio jornal. Nota-se que, em última instância, o que permite essa subversão é o possível acolhimento dado pelos públicos a informações dessa ordem, ou seja, é um valor de ordem social que ali está sendo movimentado (FAUSTO, 2005). Com isso, podemos dizer que o assunto autorreferencial da interação aparece com o intuito de estabelecer vínculos entre o jornal impresso e seus leitores, ao trazer para eles os acontecimentos, os personagens, cenários ou ações da temática abordada, aproximando-o, afetando-o, não só sob o prisma da informação, mas pela ordem do sensível, ou seja, pela lógica da comunhão.

Por sua vez, o tom elogioso (e até festivo) que aparece nas expressões como "parabéns" e "sucesso nessa nova fase", revela a importância dada ao dialógico harmonioso e à conexão solidária que há entre interlocutores. Nota-se que os aspectos acima levantados tentam demonstrar que os interlocutores, para além de dominarem as regras sistêmicas, as regras interacionais, conseguem se entender porque, sobretudo, entraram em comunhão, em uma sintonia que os leva a compartilharem de objetivos comuns.

Portanto, a partir do exposto, podemos concluir que apesar de a interação comunicativa não seguir o modelo prototípico, ou seja, se tratar de uma interação comunicativa quase mediada, ela mantém o cerne da linguagem que é a interação, conforme a perspectiva Ecolinguística da linguagem, pois os seis elementos da Ecologia da Interação Comunicativa puderam ser observados na análise e descrição dos dados. Sem dúvida, esta perspectiva ecológica do estudo da linguagem aplicada a uma mídia pode ser expandida de modo que chegue ao ecossistema integral da língua, sem nunca perder de vista que estamos nos referindo, em primeira instância, a uma comunidade e a suas formas de interagir no mundo.

Nesse sentido, em conformidade com a busca implicada pelo objetivo geral de analisar a Ecologia da Interação Comunicativa no Jornal impresso "O Popular", a partir dos elementos da ecologia da interação comunicativa (cenário, falante (F) e ouvinte (O), assunto, regras interacionais, regras sistêmicas e comunhão), pode-se dizer que o cerne da linguagem é mantido, de modo particular, mas dando garantias para que os atos de interação comunicativa se mantenham no tempo e no espaço em nome da sobrevivência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CASAROLI, L.; FERNANDES, E. M. F.; COUTO, E. K. N. N. do. A autorreferencialidade midiática: gênero do discurso no jornalismo impresso. In: FERNANDES, E. M. F. (org.). *Gêneros do discurso: dialogando com Bakhtin*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- COUTO, E. K. N. N. do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, H. H. do et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.
- COUTO, H. H. do. 2013. *A ecologia da interação comunicativa II*. Disponível em: <http://meioambientealinguagem.blogspot.com.br/2013/08/a-ecologia-da-interacao-comunicativa-ii.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. do et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016. p. 209-263.
- COUTO, H. H. do; ALBUQUERQUE, D. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, 2015.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- FAUSTO NETO, A. *Midiatização: prática social, prática de sentido?*. Paper apresentado no Seminário Internacional da Rede Prosul – CNPq. São Leopoldo, 2005.
- FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.
- GOMES, P. C. C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: o fim dos territórios à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- MAKKAI, A. *Ecolinguistic: toward a new 'paradigm' for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- PERUZZOLO, A. *Comunicação como encontro*. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder: autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77-116.



SPOSITO, E. S. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. *In: RIBAS, A. D. et al. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Cascavel, PR: Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

STEINBERG, M. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual, 1988.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2011.